

# Resenha: Icônico. Cultura Visual, Arte, Moda e Feminismo, por Emily Newman

VITOR CLARET BATALHONE JÚNIOR  
DOUTOR EM HISTÓRIA PELA UFRGS

(NEWMAN, Emily L. *Fashioning Politics and Protests: New Visual Cultures of Feminism in the United States*. Londres; Cham: Palgrave MacMillan; Springer Nature Switzerland AG, 2023. 280 pp.)

A editora Palgrave possui uma coleção sobre estudos em Moda e Corporalidade que toca disciplinas como arte, filmografia, história e política. O intuito da coleção é oferecer reflexões sobre as interações entre sujeitos e coletividades, as complexidades históricas envolvidas e as formas como tais relações transparecem e são instrumentalizadas de forma material-visual na cultura, em direção às transformações socioculturais do mundo contemporâneo. Desta forma, *Fashioning Politics and Protests: New Visual Cultures of Feminism in the United States*, de Emily L. Newman, foi publicado recentemente na *Palgrave Studies in Fashion and the Body*. A autora é atualmente Professora Associada de História da Arte no Departamento de Estudos Liberais da Texas A&M University-Commerce. Emily Newman é doutora pela City University of New York e especialista em arte contemporânea, cultura popular e estudos de gênero.

O livro de Newman apresenta reflexões crítico-históricas sobre os efeitos produzíveis a partir das relações entre ações político-culturais e comunicação visual pela arte, pelo design e pela moda. Segundo a autora, eventos recentes na sociedade norte-americana envolvendo feminismo, moda, arte, política e protestos a levaram a pensar os fenômenos que descreve e analisa em seu livro. A autora oferece uma extensiva e muito interessante revisão bibliográfica sobre a história das mulheres, o feminismo, a arte e o design do século XX. Sua recorrente utilização do termo “significante” demonstra o recurso à semiótica como fundamento teórico para pensar sobre o caráter externo-material das manifestações culturais através de linguagens visuais. Além disso, coloca-se em diálogo com as proposições dos estudos sobre interseccionalidade do início ao fim de seu livro.<sup>1</sup>

Apesar dos inúmeros avanços que as mulheres têm conquistado nas últimas décadas e do muito que ainda se há por fazer, é inegável a força do simbolismo das imagens dos *tailleurs* muito bem cortados de Hillary Clinton. O que surpreende no capítulo introdutório de *Fashioning Politics and Protests* é a perspicácia da autora ao perceber o fundo histórico-político de fenômenos como a alta-costura vestida por Clinton, através da facticidade de uma escolha por Kamala Harris: em Harris, o *tailleur* branco apresentou o apelo de união horizontal da sociedade norte-americana e da profundidade temporal do vestuário do movimento sufragista nos Estados Unidos e no Reino Unido. A escolha pelo Carolina Herrera branco e a ascendência negra e asiática da Vice-Presidente Kamala Harris tornaram emblemática a abertura ao futuro através da eleição do Partido Democrata em 2020.

As *suffragettes* britânicas e as *suffragists* norte-americanas vestiam vestidos brancos de ambos os lados do Atlântico. De acordo com a autora, no início do século XX tais vestimentas tinham o objetivo de afirmar a unidade das mulheres para além de quaisquer outras questões, ao mesmo tempo em que asseguravam a decência pública e limitavam o avanço sociocultural das propostas femininas, assegurando maiores chances de sucesso às reivindicações políticas. Com o sucesso, logo os vestidos brancos das *suffragettes* e *suffragists* e seus adereços se

---

<sup>1</sup>NEWMAN, E. L. *Fashioning Politics and Protests: New Visual Cultures of Feminism in the United States*. Londres; Cham: Palgrave MacMillan; Springer Nature Switzerland AG, 2023, pp. 21 a 22.

tornaram mercadorias para serem vendidas em lojas Macy ou nos eventos públicos pelas próprias militantes. E, se por um lado a uniformização das propostas de roupas e cores servia à visibilidade das propostas políticas e à afirmação da unidade das mulheres, por outro o posicionamento ao fim das passeatas ainda colocava as mulheres negras em uma condição de discriminação, enquanto mulheres de elite vestiam os vestidos brancos em festas de arrecadação de fundos, mas nunca nos protestos, caso participassem. Ao fundo persistia a questão da feminilidade e do conservadorismo da época: era importante se sentir bem e feminina com as vestimentas e adereços, se proteger de críticas, além de comunicar uma ideia política.

No segundo capítulo, que se inicia com a análise do romance *The Handmaid's Tale*, de Margaret Atwood, Newman argumenta como a cor vermelha adquiriu significado de “símbolo do direito das mulheres”. Desde 2010, a artista Jamie Black tem utilizado vestidos vermelhos para simbolizar as muitas *Desaparecidas e Assassinadas Mulheres, Garotas e Espíritos-Duplos Indígenas (Missing and Murdered Indigenous Women, Girls, and Two-Spirits [MMIWG2S])* na América do Norte. “Todos esses diferentes vestidos vermelhos mostram o poder que uma cor pode ter e as diferentes formas que pode ser usado para criar significado e mudança”.<sup>2</sup> Além disso, a autora argumenta sobre os múltiplos significados que a cor vermelha adquiriu ao longo da história a partir de situações específicas, de protestos sobre os direitos subjetivos de saúde e reprodução das mulheres até seus significados na alta costura de Prabal Gurung. Mas o capítulo encontra sua maior força no exame da questão indígena.

As discussões sobre as apropriações comerciais sistêmicas das manifestações feministas ou antissistema são recorrentes ao longo de todo o livro. Porém, a lógica de cooptação não encontra manifestação mais perversa do que quando ocorre sobre seres humanos. Ao analisar os eventos de beleza feminina, a autora critica a perpetuação de padrões racistas e misóginos a partir do *Miss America*. As antigas faixas políticas das *suffragists* dão lugar às faixas de localidade das misses, e as questões raciais de tais eventos expõem os padrões de beleza e comportamentos da sociedade branca dos EUA. Quando mulheres negras venciam os eventos não podiam celebrar sua negritude em toda sua complexidade. Newman recupera as

---

<sup>2</sup>Ibidem, pp. 25 a 26, 55 a 68.

palavras de Shirley Chisholm, uma das primeiras mulheres a concorrer pela faixa da presidência e, “certamente a primeira mulher negra a concorrer à presidência”, para demonstrar as complexas relações que envolvem a questão: “O racismo inerente à América deve estar se diluindo. Graças a Deus eu tenho vivido o bastante até esta nação ter sido capaz de escolher a linda jovem mulher de cor para ser Miss América”. Chisholm se referia a Vanessa Williams que após vencer foi pressionada a abdicar da coroa por fotos nuas tiradas muitos anos antes de sequer pensar em ser miss e que, de acordo com Williams, nunca foram autorizadas a vir a público. A resposta dos organizadores foi que “a Organização Miss América promoveu o mais alto padrão de moral e uma forma idealizada de ser mulher”, contrastando com Chisholm, para quem celebrar a beleza feminina negra, apesar dos parâmetros brancos, era ainda assim um importante avanço sociocultural e político.<sup>3</sup>

No quarto capítulo, específico sobre Clinton, Newman informa que a alta costura que vestiu Hillary ao longo de suas campanhas tinha a função de simbolizar sua capacidade política e servir de uniforme pretensamente neutro perante um meio social ainda majoritariamente masculino. Significante do poder masculino de origem patriarcal, o terno foi recorrentemente ressignificado de inúmeras formas, especialmente na alta costura e sua correspondente versão de mercado, tanto para homens quanto para mulheres. Mas esse símbolo de poder nunca será plenamente um uniforme, conforme podemos apreender da argumentação da autora. A questão está na autonomia, no poder pessoal e na possibilidade de escolha do que vestir sem as limitações impostas culturalmente pela estrutura social. Em língua e cultura inglesas, *pantsuit* era originalmente um terno para crianças meninos que ainda não eram suficientemente altas para vestir calças. Posteriormente, o termo persistiu correlacionado ao terno feminino, quando as mulheres passaram a desafiar a moda e os costumes, vestindo calças na primeira metade do século XX. Posteriormente, na segunda metade do século, foi necessário que Coco Chanel, Yves Saint Laurent e Giorgio Armani jogassem com as lógicas que conformavam ternos e casacos em algo estritamente masculino. O alvo principal foram as ombreiras, as cores e as linhas de corte verticais. Assim, o caminho histórico para as apoiadoras de Hillary saírem às urnas vestindo ternos

---

<sup>3</sup>Ibidem, pp. 83 a 86.

azuis estava em pavimentação contínua face ao futuro. Representar e comunicar através das próprias vestimentas uma ideia de sociedade é algo de extrema importância que muitas vezes são subsumidas a criticismos relacionados às nossas sociedades de mercado.

No capítulo quinto a discussão toca nos gorros rosas utilizados na *Women's March* em 2017. Denominados *Pussyhats*, tais gorros que sugeriam, sob certa perspectiva, a imagem de uma vagina, foi tanto um sucesso quanto fez emergir inúmeras críticas a partir das questões suscitadas pela interseccionalidade. Até que os *Pussyhats* pudessem ser vestidos em protestos pela democracia e pela defesa dos direitos reprodutivos femininos, o corpo feminino era censurado pela norma social. Simone de Beauvoir e artistas como Hannah Wilke tiveram que se expressar através de respectivamente uma crítica filosófica do ser mulher e feminino, e da exposição artística de seu próprio corpo, para possibilitar toda uma nova gama de possibilidades de ser mulher. Quando Tee Corinne publicou seu *Cunt Coloring Book* em San Francisco na década de 1970, o livro se destinava tanto a ser um objeto de arte, quanto a oferecer a mulheres que ainda não exerciam o conhecimento sobre seus próprios corpos, um objeto de relação tanto artisticamente belo e interativo, quanto relacionado a políticas de saúde pública. O caráter artesanal do pequeno livro de Corinne e as palavras iniciais de Martha Shelley demonstram bem o desafio que essas mulheres estavam vivendo: “Os desenhos neste livro são de vaginas reais de mulheres”. “Chocante mas necessário, esta obra de arte ajudou a preencher um vazio no mundo da arte”, assim como o fez Julia Chicago e Wilke.<sup>4</sup>

Ao final, Newman avalia o conceito de *Craftivism*, uma vez que artesanato e arte têm sido frequentemente contrapostos com relação a valores múltiplos e desiguais, quase sempre desfavoráveis ao artesanato. Aos poucos, e de forma recorrente, o trabalho com diferentes tipos de fibras começou a possibilitar a valorização e a diminuição da distância entre artesanato e arte. Artesanato, mesmo que artisticamente concebido e complexamente executado, começou a simbolizar “resistência” ao sistema socioeconômico de mercado que tece relações complexas com a alta costura. Vestir o gorro rosa que você mesmo tricou reforça um ato

---

<sup>4</sup>Ibidem, p. 188; CORINE, T. *Cunt Coloring Book*. São Francisco: Pearlchild Productions, 1975, s./p.

tanto político quanto estético. Muitos dos artesãos discutidos pela autora se tornaram grandes produtores nunca deixando de articular ativismo, caridade e trabalho comunitário. “Embora isso possa não ser tão dramático ou significativo quanto um protesto público, comprar um gorro ou uma camiseta não é um ato completamente insignificante”, pois as ideias materializadas nesses objetos permitem identificação, pertencimento e promovem a ação.<sup>5</sup>

Assim, a questão proposta sobre *Craftivism*, ou seja, ativismo pela atividade expressivo-artística, nos conduz à fundamental questão do mundo contemporâneo: entre as relações sociais que complementam e maximizam as possibilidades de os indivíduos serem mais felizes e plenos, e a constituição de comunidades, o ser humano tem frequentemente errado em difusas intersubjetividades. Uma comunidade reconhece-se, uma sociedade se movimenta. Isso nos leva mais uma vez aos criticismos discursivamente pré-conformados em relação às iniciativas feministas estudadas pela autora, as quais são frequentemente criticadas de maneira ligeira por todos os lados, gêneros, sexos e estratificações socioeconômicas, acabando por minimizar os méritos das questões. Assim como uma empresa precisa pensar em “como reter o engajamento dos clientes”, a arte e as ideias políticas também precisam persistir. Quando os autores da interseccionalidade e outros discursos críticos, mesmo aqueles discursos ingênuos e sinceros, lamentam que ainda existem falhas de compreensão e ação feministas que repetem os erros de suas predecessoras, apenas posso recusar o *mea culpa* de Newman e expor um contraponto: os pássaros constrangidos em liberdade cantam, pousam, e ainda assim se levantam em voo. Sem o voto, sem a exposição assumida e consentida de si e do próprio corpo, sem falhar nas eleições de 2020, as mulheres não estariam de fato hasteando a bandeira da pavimentação do futuro.<sup>6</sup>

O maior ponto vulnerável do livro de Newman se refere à interseccionalidade e à religião. A autora apenas se refere ao aspecto religioso da vida ao criticar grupos conservadores. Quando algumas mulheres cristãs pelo mundo abraçaram causas como a defesa do direito ao aborto nos EUA e na *Marea Verde* Argentina, a atenção e o discurso da autora não foram desdobrados com a mesma intensidade e efeito argumentativo. A teocracia cristã misógina e oligárquica de

---

<sup>5</sup>Newman, op. cit., p. 179.

<sup>6</sup>Ibidem, pp. 217, 232.

*The Handmaid's Tale* expõe preconceitos de Margaret Atwood em relação ao mundo islâmico que Newman mal parece perceber. A utilização de vestimentas ao estilo holandês não representa apenas o controle e a domesticação dos corpos das mulheres, mas também a cultura de um mundo que não é mais. Todavia, nas cabeças das personagens do romance daquele mundo ficcional, há apenas o horror. Teocracia e Ocidente não parecem mais adequados entre si, apesar do conservadorismo branco nos EUA, mas teocracia ainda sugere muitas relações de significado referentes ao Oriente, especialmente o islâmico. Para muitas mulheres em todo o mundo, islâmicas ou de qualquer confissão religiosa, o fenômeno religioso é parte fundamental de suas próprias subjetividades assim como outros âmbitos, aspectos e dimensões de si mesmas. As mulheres que organizam o website *MuslimGirl* são uma resposta extremamente interessante a essa questão que gostaria de ver Newman escrever sobre algum dia no futuro.<sup>7</sup>

Enfim, *Fashioning Politics and Protests* de Emily Newman é um excelente livro que deveria ser escolhido como leitura mandatória para estudiosos e público em geral. Leitura necessária à todos aqueles que se dedicam a melhor compreender o mundo contemporâneo em que vivemos, especialmente a partir das interações entre cultura visual da sociedade de massas, política e feminismo. Como cita a autora a partir de Basil Rogger, “protestos são preeminentemente estéticos”.<sup>8</sup>

## Referências

- BEAUVOIR, Simone de. *The Second Sex*. Londres: Jonathan Cape, 1956.
- CHAVE, Anna C. “‘I Object’ Hannah Wilke’s Feminism”. In: *Art in America*, vol. 97, n. 3., pp. 104-109, Mar. 2009.
- CORINE, Tee. *Cunt Coloring Book*. São Francisco, California: Pearlchild Productions, 1975.
- MuslimGirl*. Disponível em: <https://muslimgirl.com/>. Acesso em 24 dez. 2023.

---

<sup>7</sup>*MuslimGirl*. Disponível em: <https://muslimgirl.com/>. Acesso em: 24 dez. 2023.

<sup>8</sup>Newman, op. cit., p. 196.